

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Tiago Ardengue Cammarosano

**A REPRESENTAÇÃO DA PALESTINA NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE
EDWARD SAID E JUDITH BUTLER**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Diogo Tourino de Sousa

Juiz de Fora

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **TIAGO ARDENGUE CAMMAROSANO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202373046A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A REPRESENTAÇÃO DA PALESTINA NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE EDWARD SAID E JUDITH BUTLER**, desenvolvido durante o período de 23 DE MARÇO DE 2026 a 13 DE JULHO DE 2026 sob a orientação de **DIOGO TOURINO DE SOUSA**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 10 de julho de 2026

Tiago Ardengue Cammrosano

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A REPRESENTAÇÃO DA PALESTINA NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE EDWARD SAID E JUDITH BUTLER

Tiago Ardengue Cammarosano¹

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da Palestina na mídia brasileira a partir das contribuições teóricas de Edward Said e Judith Butler, buscando compreender como determinados enquadramentos jornalísticos influenciam a construção de narrativas sobre o conflito israel -palestino. O estudo parte da hipótese de que a cobertura midiática pode reproduzir discursos orientalistas, contribuindo para a invisibilização da população palestina e para a distribuição desigual do reconhecimento das vítimas da guerra. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, articulada à análise documental de conteúdos publicados nas páginas especiais **Guerra Israel x Hamas**, da Memória Globo, e **Guerra Israel-Hamas**, da *Folha de S.Paulo*. Como referencial teórico, mobilizam-se os conceitos de orientalismo, desenvolvidos por Edward Said, e de vidas precárias e enquadramentos, formulados por Judith Butler, permitindo examinar como os discursos midiáticos participam da produção de sentidos e da definição de quais vidas são reconhecidas como dignas de atenção, empatia e luto. A análise indica que determinadas escolhas editoriais, como a denominação do conflito, o recorte temporal adotado, a seleção do vocabulário e as formas de representação das vítimas, podem reforçar perspectivas historicamente construídas sobre o Oriente e produzir diferentes regimes de reconhecimento. Conclui-se que a mídia constitui um espaço central na disputa por narrativas, influenciando a percepção pública da questão palestina e a legitimidade atribuída aos sujeitos envolvidos no conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Orientalismo. Palestina. Mídia brasileira. Edward Said. Judith Butler.

1 INTRODUÇÃO

A questão palestina ocupa atualmente posição central nos debates políticos, midiáticos e acadêmicos internacionais. Desde a criação do Estado de Israel em 1948 até os conflitos mais recentes na Faixa de Gaza, observa-se uma intensa disputa não apenas territorial e militar, mas também simbólica e cultural. As narrativas produzidas pelo “Ocidente” sobre o conflito desempenham papel decisivo na construção das percepções públicas acerca dos sujeitos envolvidos, influenciando a forma como determinadas vidas são reconhecidas, valorizadas ou ignoradas. Nesse contexto, as contribuições teóricas de Edward Said e Judith Butler oferecem importantes ferramentas analíticas para compreender os mecanismos pelos quais determinadas populações são representadas no cenário internacional. Enquanto Said (1990) demonstra como o Ocidente construiu historicamente imagens estereotipadas sobre o Oriente por meio do discurso orientalista, Butler (2019) analisa os processos pelos quais algumas vidas são consideradas dignas de luto e proteção, ao passo que outras permanecem invisibilizadas.

A aproximação entre esses dois autores permite compreender como as representações orientalistas produzem condições para que determinadas populações sejam desumanizadas e submetidas a diferentes formas de violência material e simbólica. No caso da Palestina, essa articulação revela como a construção histórica do árabe e do muçulmano como sujeitos perigosos, irracionais ou violentos contribui para a naturalização da precariedade de suas vidas, sem nunca considerar suas próprias histórias e cultura. Tenho como objetivo discutir as contribuições de Edward Said e Judith Butler

1 Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: tiago.ardengue@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Diogo Tourino de Sousa.

para a compreensão da guerra da Palestina, analisando como os discursos midiáticos e políticos contemporâneos, focando na realidade brasileira participam da produção de hierarquias de humanidade e reconhecimento.

2 ORIENTALISMO E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DO ORIENTE

Publicado originalmente em 1978, *Orientalismo* constitui uma das obras mais influentes das ciências humanas contemporâneas. Edward Said parte da crítica às formas pelas quais a Europa construiu historicamente o Oriente como objeto de conhecimento e dominação. Said afirma que: “O Oriente era quase uma invenção europeia” (SAID, 1990, p. 13). Essa formulação não implica negar a existência concreta dos povos orientais, mas problematizar os modos pelos quais eles passaram a ser representados pelo Ocidente. Segundo o autor, o Oriente foi transformado em uma categoria cultural e política construída a partir das necessidades do projeto colonial europeu. O autor argumenta que o orientalismo deve ser entendido como um sistema de representação que produz conhecimento sobre o Oriente ao mesmo tempo em que legitima relações de poder. Inspirando-se na noção de discurso desenvolvida por Michel Foucault, Said define o orientalismo como: “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p. 15). Nesse sentido, o orientalismo não corresponde apenas a um conjunto de preconceitos ou opiniões equivocadas. Trata-se de uma estrutura intelectual e institucional composta por universidades, governos, meios de comunicação, centros de pesquisa e produções culturais que contribuem para a construção de determinadas imagens sobre os povos orientais.

Ao longo da modernidade, essas representações produziram uma oposição binária entre Ocidente e Oriente. O Ocidente passou a ser associado à racionalidade, ao progresso, à democracia e à civilização. Em contrapartida, o Oriente foi frequentemente caracterizado como irracional, atrasado, fanático e violento. Said afirma: “O Oriente ajudou a definir a Europa como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste” (SAID, 1990, p. 14). Desse modo, a identidade ocidental foi construída não apenas por características próprias, mas também pela criação de um “Outro” que servisse como contraponto à sua autodefinição, toda essa criação de um “Oriente” imaginário se deu através de pesquisas históricas, sociais e antropológicas de europeus acerca do oriente, sem nunca considerar os próprios conhecimentos produzidos nesses locais, a narrativa europeia sempre foi sobressalente e de certa forma voraz. A Palestina ocupa posição privilegiada dentro da crítica desenvolvida por Said. Nascido em Jerusalém em 1935, o autor vivenciou diretamente os impactos da criação do Estado de Israel e da dispersão da população palestina.

Sua análise demonstra que a questão palestina não pode ser compreendida apenas como um conflito territorial ou geopolítico. Trata-se também de uma disputa discursiva envolvendo a produção de narrativas sobre identidade, pertencimento e legitimidade. Ao longo do século XX, a população palestina frequentemente apareceu nos discursos políticos e midiáticos ocidentais por meio de categorias associadas ao terrorismo, ao extremismo religioso e à violência. Em muitos casos, suas reivindicações políticas foram reduzidas a manifestações irracionais ou fanáticas. Esse processo reproduz exatamente a lógica descrita por Said em *Orientalismo*. O palestino aparece frequentemente não como sujeito político dotado de história e agência própria, mas como objeto de representação produzido por instituições externas. Nesse sentido, a frase escolhida por Said para abrir sua obra torna-se particularmente significativa: “Não podem representar a si mesmos: devem ser representados” (MARX apud SAID, 1990, p. 11). A ausência da voz palestina nos grandes meios de comunicação internacionais constitui uma das manifestações contemporâneas dessa lógica desumana e violenta de representação.

3 JUDITH BUTLER E A PRECARIEDADE DA VIDA

Enquanto Said investiga os mecanismos de construção discursiva do Oriente, Judith Butler dirige sua atenção às formas pelas quais determinadas vidas se tornam reconhecíveis e dignas de proteção. Em “Vida Precária”, Butler parte dos impactos produzidos pelos atentados de 11 de setembro de 2001 para discutir como os enquadramentos políticos e midiáticos influenciam a percepção pública da violência. Segundo a autora, toda vida humana é vulnerável. Entretanto, nem todas as vidas recebem o mesmo reconhecimento social e político. Algumas mortes são amplamente divulgadas, lamentadas e transformadas em acontecimentos públicos. Outras permanecem invisíveis.

Butler afirma que a distribuição desigual do reconhecimento produz diferentes graus de humanidade socialmente reconhecida. Em consequência, certas populações passam a ocupar posições de maior vulnerabilidade. A autora argumenta que os enquadramentos discursivos definem previamente quais vidas serão percebidas como humanas e quais serão tratadas como descartáveis. Nesse sentido, a precariedade não corresponde apenas à vulnerabilidade biológica compartilhada por todos os seres humanos. Ela é também um efeito político produzido por instituições, discursos e relações de poder. A aproximação entre Said e Butler revela importantes convergências analíticas, no livro “Orientalismo”, Said demonstra como o discurso ocidental produz determinadas populações como sujeitos inferiores, exóticos ou ameaçadores. Em “Vida Precária”, Butler demonstra como esses processos de representação influenciam diretamente a distribuição do reconhecimento social. Em outras palavras, o orientalismo produz sujeitos considerados menos plenamente humanos; a precarização descrita por Butler constitui uma das consequências dessa produção discursiva. O árabe, o muçulmano e o palestino frequentemente aparecem nos meios de comunicação internacionais encarnando representações associadas à violência e ao terrorismo. Essas representações reduzem a complexidade de suas experiências históricas e políticas. Ao serem enquadrados prioritariamente como ameaça, esses sujeitos encontram maiores dificuldades para serem reconhecidos como vítimas legítimas da violência. Desse modo, o orientalismo cria as condições simbólicas para a precarização das vidas analisadas por Butler.

4 A COBERTURA MIDIÁTICA DA GUERRA DA PALESTINA

A guerra da Palestina constitui um espaço privilegiado para observar a articulação entre os conceitos desenvolvidos pelos dois autores, diversos estudos sobre mídia internacional apontam para a existência de assimetrias significativas na cobertura do conflito, frequentemente, vítimas israelenses recebem maior individualização. Seus nomes, histórias familiares, profissões e trajetórias pessoais são amplamente divulgados. Por outro lado, mortes palestinas aparecem muitas vezes apresentadas sob a forma de estatísticas coletivas. Essa diferença produz efeitos importantes sobre a percepção pública da violência. A individualização favorece a empatia e o reconhecimento. A apresentação estatística contribui para processos de despersonalização. Sob a perspectiva de Butler, esse fenômeno demonstra a existência de enquadramentos diferenciados do luto. Certas mortes tornam-se acontecimentos públicos, outras permanecem parcialmente invisíveis; sob a perspectiva de Said, essa diferença pode ser compreendida como resultado de uma longa tradição de representação orientalista que construiu os povos árabes como sujeitos menos individualizados e menos plenamente humanos. A articulação entre Edward Said e Judith Butler permite compreender a guerra da Palestina para além de suas dimensões militares e diplomáticas. Ambos os autores demonstram que os conflitos contemporâneos envolvem disputas pela definição de quem pode ser reconhecido como sujeito legítimo e de quais vidas merecem proteção. Said evidencia como o orientalismo produziu representações duradouras sobre o Oriente e seus povos, associando-os à irracionalidade, ao atraso e à violência. Butler demonstra que essas representações influenciam diretamente os mecanismos de reconhecimento que definem quais vidas serão consideradas dignas de luto e quais permanecerão invisíveis.

A situação palestina revela de forma particularmente intensa essa articulação. A produção histórica do palestino como “Outro” oriental contribui para a naturalização de sua vulnerabilidade e para a dificuldade de reconhecimento de seu sofrimento no cenário internacional, compreender a questão palestina exige não apenas analisar os acontecimentos militares e políticos, mas também investigar os discursos, representações e enquadramentos que moldam a percepção pública do conflito. A contribuição conjunta de Said e Butler oferece instrumentos fundamentais para essa tarefa crítica.

5 MARCO TEÓRICO

O presente trabalho fundamenta-se nas contribuições de Edward Said e Judith Butler para compreender como discursos midiáticos produzem formas desiguais de representação da guerra da Palestina. Embora os autores partam de objetos distintos, suas reflexões convergem ao demonstrar que a produção de conhecimento e a circulação de discursos não são neutras, mas atravessadas por relações de poder que definem quais sujeitos podem falar, quais vidas merecem reconhecimento e quais sofrimentos permanecem invisibilizados. A escolha desses referenciais permite analisar criticamente a cobertura da mídia brasileira acerca da guerra na Palestina, compreendendo-a não apenas como transmissão de fatos, mas como um espaço de produção de sentidos. Nesse contexto, parte-se da hipótese de que determinados enquadramentos jornalísticos reproduzem representações historicamente construídas sobre o Oriente e, ao fazê-lo, contribuem para o apagamento da população palestina como sujeito político e humano. Edward Said (1990) demonstra que o orientalismo constitui uma estrutura discursiva elaborada pelo Ocidente para representar o Oriente segundo categorias previamente estabelecidas. Para o autor, o Oriente não corresponde simplesmente a uma realidade geográfica, mas a uma construção intelectual produzida por governos, universidades, escritores, viajantes, instituições acadêmicas e meios de comunicação. Trata-se de um conjunto de discursos que, ao longo dos séculos, apresentou os povos orientais como irracionais, violentos, exóticos, atrasados e incapazes de representar a si próprios. Inspirado na concepção “foucaultiana” de discurso, Said define o orientalismo como “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p. 15). Dessa forma, o conhecimento produzido sobre o Oriente nunca é neutro; ele participa diretamente da manutenção de relações de poder. Ao transformar determinados povos em objetos permanentes de interpretação, o discurso orientalista legitima práticas políticas, militares e culturais de dominação.

A questão palestina ocupa posição central nessa reflexão. Segundo Said, a Palestina constitui um dos exemplos mais evidentes da permanência do orientalismo contemporâneo, uma vez que a população palestina frequentemente aparece representada por categorias associadas ao terrorismo, ao fanatismo religioso e à violência, enquanto sua história, sua identidade nacional e suas reivindicações políticas permanecem secundarizadas. Essa perspectiva torna-se particularmente relevante para a análise da mídia brasileira. Ainda que os veículos nacionais não participem diretamente do projeto colonial europeu descrito por Said, eles frequentemente reproduzem narrativas produzidas por grandes agências internacionais de notícias, adotando categorias de interpretação que privilegiam perspectivas ocidentais sobre o conflito israelo-palestina. Assim, o orientalismo deixa de ser compreendido apenas como um fenômeno histórico e passa a ser entendido como uma lógica discursiva que continua influenciando a produção jornalística contemporânea. Entretanto, compreender como essas representações são produzidas não basta. É necessário investigar também quais efeitos elas produzem sobre o reconhecimento das vítimas da guerra. Nesse ponto, as contribuições de Judith Butler complementam a análise desenvolvida por Said.

Em *Vida Precária* (2019), Butler argumenta que todas as vidas são igualmente vulneráveis em termos biológicos, mas nem todas recebem igual reconhecimento político e social. A autora demonstra que os meios de comunicação, os governos e outras instituições produzem enquadramentos (*frames*) que definem previamente quais vidas serão percebidas como plenamente humanas, quais mortes serão lamentadas publicamente e quais sofrimentos permanecerão invisíveis. Segundo Butler, os enquadramentos midiáticos não apenas descrevem acontecimentos, mas organizam a percepção pública da violência. Algumas vítimas aparecem acompanhadas de nome, fotografia, história familiar e trajetória de vida, favorecendo processos de identificação e empatia. Outras surgem apenas como números ou estatísticas, sem individualização, dificultando o reconhecimento de sua humanidade. Essa reflexão oferece um importante instrumento para compreender a cobertura da guerra da Palestina. Em diversos momentos, observa-se que mortes palestinas são frequentemente apresentadas como dados quantitativos, enquanto vítimas israelenses recebem maior personalização narrativa. Tal diferença não representa apenas uma escolha editorial, mas participa da construção de diferentes regimes de reconhecimento, nos quais determinadas vidas tornam-se mais passíveis de luto do que outras.

A aproximação entre Said e Butler permite compreender que esses dois processos são complementares. O orientalismo produz representações que associam os povos árabes à ameaça, à violência e à irracionalidade; os enquadramentos analisados por Butler transformam essas representações em critérios que regulam quais vidas serão consideradas plenamente humanas. Dessa forma, o apagamento da população palestina na mídia não decorre apenas da ausência de cobertura ou da omissão de informações. Ele pode ocorrer também por meio da forma como os acontecimentos são narrados, das fontes selecionadas, da linguagem empregada, das imagens escolhidas e da distribuição desigual da humanidade entre os sujeitos representados. A invisibilização da experiência palestina passa, assim, a constituir um efeito discursivo produzido por enquadramentos que limitam a possibilidade de reconhecimento de seu sofrimento. Com base nessa articulação teórica, este trabalho propõe analisar a cobertura realizada por veículos da mídia brasileira acerca da guerra da Palestina, buscando identificar de que maneira categorias orientalistas e enquadramentos desiguais contribuem para a produção de narrativas que silenciam, despersonalizam ou reduzem a população palestina à condição de ameaça ou estatística. O diálogo entre Edward Said e Judith Butler permite, portanto, compreender a mídia não apenas como transmissora de acontecimentos, mas como um espaço central na disputa pela produção de sentidos, pela definição de legitimidades e pelo reconhecimento diferencial das vidas afetadas pelo conflito.

A partir da análise das páginas especiais da Memória Globo – Guerra Israel x Hamas e da Folha de S.Paulo – Guerra Israel-Hamas, é possível identificar elementos discursivos que dialogam com as categorias desenvolvidas por Edward Said e Judith Butler. O objetivo não é afirmar que esses veículos deliberadamente invisibilizam a população palestina, mas analisar como determinadas escolhas editoriais podem produzir efeitos de sentido que reforçam enquadramentos específicos sobre o conflito. Um primeiro aspecto refere-se à própria denominação adotada pelas duas páginas. Tanto a Globo quanto a Folha optam por apresentar o conflito como “Guerra Israel x Hamas” ou “Guerra Israel-Hamas”, substituindo a referência à Palestina por uma organização político-militar. Essa escolha produz um efeito discursivo importante: a população palestina deixa de ocupar o lugar de sujeito político do conflito, enquanto o Hamas passa a representar, de maneira implícita, a principal contraparte de Israel. Sob a perspectiva de Edward Said (1990), esse enquadramento pode ser interpretado como uma forma de simplificação da realidade palestina, reduzindo uma sociedade historicamente complexa e heterogênea à atuação de um único ator armado. Em vez de um conflito envolvendo ocupação,

território, população civil e disputas históricas, a narrativa tende a privilegiar uma lógica de enfrentamento entre um Estado e uma organização considerada terrorista.

Outro elemento relevante diz respeito ao marco temporal adotado pelas reportagens introdutórias. Nos dois casos, o conflito é apresentado como iniciado em 7 de outubro de 2023, quando o Hamas realizou ataques contra Israel. Embora esse episódio represente, de fato, o início da atual escalada militar, essa opção narrativa pode ser analisada criticamente à luz de Said. Ao tomar esse acontecimento como ponto inaugural da narrativa, décadas de ocupação, expansão de assentamentos, bloqueio da Faixa de Gaza e disputas territoriais deixam de aparecer como parte constitutiva do contexto histórico do conflito. Assim, a cobertura privilegia um evento imediato em detrimento de um processo histórico mais amplo, produzindo um enquadramento que tende a limitar a compreensão das origens da questão palestina. Também merece atenção a forma como os atores envolvidos são apresentados. Tanto a Globo quanto a Folha qualificam o Hamas como **“organização terrorista”** ou **“grupo terrorista”**, categoria compatível com a classificação adotada por diversos países e incorporada às respectivas linhas editoriais. Por si só, essa escolha não constitui evidência de um enquadramento orientalista. Entretanto, do ponto de vista da análise do discurso, torna-se pertinente investigar se existe simetria na caracterização dos diferentes atores envolvidos. Enquanto o Hamas recebe uma qualificação normativa explícita, Israel costuma ser referido como **“Estado”**, **“Exército israelense”** ou **“Forças de Defesa de Israel”**. Essa diferença lexical pode influenciar a percepção pública acerca da legitimidade das ações de cada ator e constitui um aspecto relevante para análise empírica da cobertura.

As contribuições de Judith Butler tornam-se particularmente úteis ao observar a distribuição do reconhecimento das vítimas. Nas páginas analisadas, encontram-se reportagens dedicadas às histórias de brasileiros que estavam em Israel durante os ataques, aos reféns israelenses e aos impactos do atentado sobre famílias específicas. Em contrapartida, as mortes palestinas aparecem, com frequência, apresentadas por meio de números agregados, como “milhares de mortos em Gaza” ou “mortos chegam a quase 2,7 mil”. Ainda que as páginas também registrem o sofrimento da população civil palestina e mencionem a crise humanitária em Gaza, há uma diferença perceptível entre a individualização de determinadas vítimas e a apresentação estatística de outras. Butler (2019) argumenta que os enquadramentos midiáticos influenciam diretamente quais vidas são percebidas como plenamente humanas e dignas de luto. Nessa perspectiva, a predominância de narrativas individualizadas para algumas vítimas e quantitativas para outras pode contribuir para formas distintas de reconhecimento público do sofrimento.

Esses elementos não permitem concluir, isoladamente, que a mídia brasileira reproduz integralmente um discurso orientalista ou promove deliberadamente o apagamento da população palestina. Contudo, constituem indícios relevantes de enquadramentos que podem ser investigados de forma sistemática. A articulação entre Edward Said e Judith Butler oferece instrumentos teóricos para analisar como escolhas aparentemente técnicas — como a denominação do conflito, o ponto de partida da narrativa, a seleção do vocabulário e a forma de representar as vítimas — participam da construção de sentidos sobre a guerra. Assim, mais do que informar acontecimentos, a cobertura jornalística também contribui para definir quais sujeitos aparecem como protagonistas da história, quais vozes recebem espaço e quais vidas são mais facilmente reconhecidas como dignas de atenção, empatia e luto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar como a mídia brasileira representa a questão palestina, tomando como objeto de análise as páginas especiais da Memória Globo e da *Folha de S.Paulo* dedicadas à guerra entre Israel e Hamas. A partir

das contribuições teóricas de Edward Said e Judith Butler, procurou-se compreender de que maneira determinados enquadramentos jornalísticos podem reproduzir representações historicamente construídas sobre o Oriente e influenciar o reconhecimento diferencial das vidas afetadas pelo conflito. A análise evidenciou que a cobertura jornalística não se limita à transmissão de acontecimentos, mas participa da construção de sentidos sobre a realidade. As escolhas relativas à denominação do conflito, ao marco temporal adotado, ao vocabulário empregado e à forma de apresentar as vítimas revelam que a produção da notícia envolve processos de seleção e enquadramento capazes de influenciar a percepção pública. Embora não seja possível afirmar que os veículos analisados reproduzam deliberadamente um discurso orientalista, identificaram-se elementos que dialogam com a crítica formulada por Said ao evidenciarem a permanência de representações que tendem a simplificar a realidade palestina e privilegiar perspectivas ocidentais sobre o conflito.

Da mesma forma, as reflexões de Judith Butler permitiram compreender que os enquadramentos midiáticos também produzem efeitos sobre o reconhecimento das vítimas. A diferença entre a individualização de determinadas mortes e a apresentação estatística de outras pode contribuir para formas desiguais de empatia e de reconhecimento público, reforçando a ideia de que algumas vidas são mais facilmente percebidas como dignas de luto do que outras. Nesse sentido, a cobertura jornalística participa da construção de hierarquias simbólicas que influenciam a maneira como o sofrimento é percebido pela sociedade. Assim, conclui-se que a articulação entre os conceitos de orientalismo e de vidas precárias constitui um importante instrumento para compreender criticamente a atuação da mídia na cobertura da guerra da Palestina. Mais do que informar sobre acontecimentos, os meios de comunicação desempenham papel fundamental na produção de narrativas, na definição de legitimidades e na construção das imagens que circulam socialmente sobre os sujeitos envolvidos no conflito.

Por fim, este trabalho não pretende esgotar a discussão acerca da representação da Palestina na mídia brasileira, mas contribuir para o aprofundamento desse debate. Pesquisas futuras poderão ampliar o corpus de análise, incorporando outros veículos de comunicação, diferentes formatos jornalísticos e recortes temporais mais extensos, possibilitando compreender de forma mais abrangente como os discursos midiáticos participam da produção de sentidos sobre a questão palestina e seus desdobramentos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

SAID, Edward. **Orientalismo**. 1 ed. São Paulo: companhia das letras, 1990

BUTLER, Judith. **Vida precária. Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

Barnabé, G. (2026, June 23). *Comissão da ONU conclui que Exército de Israel “visa deliberadamente” crianças em Gaza e comete genocídio*. Folha de S.Paulo; folha.uol.com.br. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2026/06/comissao-da-onu-conclui-que-exercito-de-israel-visa-deliberadamente-criancas-em-gaza-e-comete-genocidio.shtml>

Hamas, G. I. (2024, August 21). *Memoriaglobo*. Memoriaglobo. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/guerra-israel-x-hamas.ghtml>

